

# ENTRE A VIOLÊNCIA E A GENTILEZA: UM RELATO AFETIVO DA EXPERIÊNCIA DE LICENCIANDOS EM ARTES NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM CAMPINAS/SP

Carmem Andres Souza<sup>1</sup>  
Marcelo Ferreira Ribeiro<sup>2</sup>  
Pietra Padilla Silveira<sup>3</sup>  
Ana Maria Rodriguez Costas<sup>4</sup>

## 1. Introdução

Esse trabalho é um relato de experiência de três participantes do Programa de Residência Pedagógica (PRP) - subprojeto Arte (UNICAMP) ao longo do período entre fevereiro e agosto de 2023, acompanhados da professora-preceptora Ana Carolina, sob orientação de uma das coordenadoras<sup>5</sup> do subprojeto. A vivência do grupo se desenvolveu na EMEF<sup>6</sup> Padre Francisco Silva, uma escola de educação integral que oferta o Ensino Fundamental I na Vila Castelo Branco, bairro da região noroeste da cidade de Campinas/SP, e que atende famílias de classe média baixa. Além da presença semanal na escola, o grupo se reunia duas vezes por semana: uma com todas as pessoas participantes do subprojeto Arte, e outra apenas com residentes da Padre Francisco Silva. Esses encontros tornaram as observações cotidianas e as percepções pessoais mais significativas a partir da possibilidade do compartilhamento e reflexão coletiva. Nesse processo de partilha e discussão, foram-se desenhando dúvidas sobre como compreender e lidar com o contraste entre a agressividade e o carinho com os quais as mesmas crianças agiam conosco, com a professora e com colegas.

## 2. Metodologia

As reflexões e discussões trazidas neste trabalho são fruto de uma observação crítica e atenta dos momentos escolares vivenciados semanalmente por casa residente, sendo estes as aulas de Arte da professora-preceptora e os horários de café da manhã, almoço e recreio dos alunos. Além dos períodos em que os residentes se encontram na escola, também são realizadas no subprojeto Arte do Programa de Residência Pedagógica duas reuniões semanais,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Arte - Dança da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [acarmemcidadanza@gmail.com](mailto:acarmemcidadanza@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Licenciatura em Arte - Música da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [marceloferibeiro@gmail.com](mailto:marceloferibeiro@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Arte - Dança da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [padillapih@gmail.com](mailto:padillapih@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora orientadora: Professora Livre Docente do Instituto de Artes - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [anaterre@unicamp.br](mailto:anaterre@unicamp.br).

<sup>5</sup> O subprojeto Arte é coordenado pelos docentes Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Rodriguez Costas e Edson do Prado Pfitzenreuter.

<sup>6</sup> Escola Municipal de Ensino Fundamental.



uma na qual todos os residentes do programa estão presentes (incluindo aqueles que atuam em outras duas escolas) e outra feita apenas por aqueles que trabalham na EMEF Padre Francisco Silva. Nestas reuniões, é possível compartilhar as observações e percepções individuais com o grupo, gerando discussões e reflexões que serão abordadas neste trabalho.

As reflexões e discussões presentes ao longo deste texto são frutos da experiência individual de cada residente e que ao serem compartilhadas, passam por um processo de reconfiguração e amadurecimento, quando coletivamente, conseguimos , traçar semelhanças e divergências entre nossas próprias experiências. Esse processo colaborativo fundamental no desenvolvimento das atividades ao longo do ano, resulta no presente texto, ancorando-se nas concepções de estudiosos como Vygotsky (1991) e bell hooks (2019) .

### **3. Discussões e reflexões**

“Acolhimento” é um sentimento que se fez presente em todas as experiências dos residentes autores deste trabalho. Desde nossa entrada na escola, na qual a professora preceptora apresentou-nos aos estudantes de cada sala, valorizando a presença do residente-estagiário e permitindo com que os alunos fizessem as perguntas que quisessem para nos conhecer, iniciaram-se oportunidades de nos conectarmos com todo o organismo vivo da comunidade escolar de forma afetiva. Rapidamente, passamos a ser parte daquele ambiente, com as crianças a todo momento querendo saber sobre nós, mostrando coisas que sabiam, contando sobre elas, suas vidas e amizades.

No entanto, todo esse carinho que recebemos desde o início, mostrou-se contrastante com a agressividade que é a tônica em grande parte das relações entre as próprias crianças. Dia após dia, observamos um ambiente permeado por conflitos, agressões verbais e físicas nas mais diversas situações, desde questões simples - como o local da fila para ir à Sala de Artes - até as mais complexas - como nos atritos que envolvem situações familiares de algumas crianças. O fato de as mesmas crianças que são gentis e amorosas serem também , por vezes, porta vozes de violências e ameaças nos impactou profundamente. Entendemos que as crianças são seres complexos e que estão em pleno desenvolvimento, implicando em momentos de maior ou menor dificuldade em seus relacionamentos e procuramos levar estes aspectos em consideração no planejamento, exercitando-os durante o cotidiano escolar. Mas quais caminhos explorar para potencializar a gentileza e mitigar a violência?

Esta pergunta esteve, e ainda está presente como pano de fundo das aulas, quando por exemplo a professora-preceptora e/ou os residentes reiteram a necessidade de atitudes que colaborem com a atividade que está sendo proposta, e também em momentos nos quais estes julgam ser necessário interromper a atividade para isto. Como ilustração, no dia 24 de agosto



de 2023, a professora-preceptora não conseguiu finalizar a atividade proposta pela falta de colaboração dos alunos (que em proporções semelhantes, brigavam e brincavam entre si) e, por isso, interrompeu o planejamento para fazer uma conversa sobre formas dessa situação não acontecer novamente e sugerindo como cada um poderia colaborar para que a atividade acontecesse. A conclusão na qual os alunos do 3º ano B chegaram foi a de que quando um aluno está conversando durante a explicação, o outro deve pedir educadamente para que ele faça silêncio e que deixe a conversa para outro momento.

Entendemos que esta foi uma atitude possível em decorrência da relação de afeto existente entre os alunos, a professora e os residentes pois, nesta situação, atuamos como facilitadores do diálogo e da resolução do problema. Isso ocorre pois os alunos compreendem a necessidade de uma colaboração mútua para a realização da aula e se interessam em atuarem como membros ativos do processo de ensino-aprendizado. Conforme Vygotsky (1991), essa relação é possibilitada por meio da afetividade uma vez que o aluno reconhece os limites e as regras que precisam ser cumpridas para uma boa relação entre o corpo discente e docente.

Além disso, salientamos também como esse tipo de relação de afeto é cultivada pela professora Ana Carolina, a partir de uma perspectiva da educação democrática, conforme proposta por bell hooks (2019):

A conversa é o lugar central da pedagogia para o educador democrático. Falar para compartilhar informações, para trocar ideias, é a prática que, dentro e fora dos espaços acadêmicos, afirma aos ouvintes que o aprendizado pode se dar em quadros de tempo variados (podemos compartilhar e aprender muito em cinco minutos) e que o conhecimento pode ser compartilhado em diversos modos de discurso. (bell hooks, 2019, p.202)

Ao dar espaço no dia a dia da sala de aula para que as crianças coloquem seus sentimentos e pensamentos, dando atenção e respeitando-os, cria-se uma relação na qual os alunos podem se ver, também, como personagens ativos e responsáveis pela sua própria educação, o que fomenta situações de diálogo com a classe como colocado anteriormente.

Outras observações interessantes e curiosas de demonstração de afeto e cooperatividade entre as crianças foram feitas no momento das brincadeiras nos recreios, nas interações entre crianças com e sem deficiências. Desafiando barreiras atitudinais e arquitetônicas, encontram modos de alternarem-se nas cadeiras de balanço, empurram cadeiras de rodas em meio às atividades da festa junina e inventam desafios para suas diferentes corporeidades. Ressalta-se uma situação onde uma aluna do 3º ano foi conversar com um colega que tem Síndrome de Down do 2º ano - que adora brincar de se esconder em lugares inusitados e fugir das professoras e professores - para tentar convencer ele de não se enfiar dentro de um cano grande de esgoto que estava atrás da quadra numa parte em reforma



porque ele iria se machucar, e conseguiu convencê-lo antes mesmo de qualquer estagiário ou professor conseguir chegar lá. Outro relato que reforça essa observação ocorreu com Carlos<sup>7</sup>, um garoto do 3º ano que tem autismo, deficiência intelectual e uma má formação em uma mão. Ao elaborar uma coreografia em grupo, os colegas incentivaram Carlos a mostrar movimentos que ele conseguia fazer, além de estimulá-lo a fazer coisas mais difíceis. Ao fim, os passos coreografados foram todos desafiadores e divertidos, e construídos a partir das possibilidades de Carlos.

Durante o primeiro semestre, mais um relato nos lembra como as crianças também podem ser acolhedoras entre elas. Benício<sup>8</sup>, uma criança do 3ºD, por vezes demonstrava uma tristeza diferente, e ele nos contou o motivo: “saudade da minha mãe”. Sua mãe havia falecido há alguns meses antes, e como é de se esperar, a tristeza e a saudade vem e vão. Essa revelação e o sentimento de Benício motivaram a realização de uma atividade em homenagem à sua mãe, a partir das ideias da professora Ana Carolina e do residente Marcelo, usando a música Estrelinha de Di Paullo e Paullino como fio condutor<sup>9</sup>. Essa proposta foi realizada separadamente do resto da turma, mas ao final, Benício quis compartilhar os desenhos produzidos e a música com o restante da turma. O restante da turma (um grupo muito difícil, cheio de provocações e conflitos), ao entender a situação, teve uma postura muito especial, ouvindo a música, se emocionando, cantando junto e, o mais importante, acolhendo Benício. Nas semanas seguintes, em diversas situações, as outras crianças se esforçaram para ajudar Benício (que por vezes pedia para ficar fora da sala para lidar com a tristeza), a não perder conteúdo e finalizar seus projetos, distraí-lo, fazê-lo rir...

A coletividade não se dá só nos momentos de atividades ou trabalhos em grupo, mas também nos momentos de necessidade, na dor e na solidariedade. Talvez seja aí, na verdade, onde mais aconteça e cresça. Através do compartilhar, do acolhimento e da coletividade, ajudamos Benício (e continuamos ajudando) a lidar com essa dor. Isso nos leva ao trabalho de Elvira Tassoni e Sérgio Leite (2010), que apontam “oito aspectos que destacam a interdependência e a influência das dimensões afetiva e a cognitiva”. Dentre esses pontos, podemos destacar, a partir do relato anterior, “as formas de o professor ajudar o aluno”, “as formas de falar com o aluno” e os “sentimentos/percepção do aluno em relação ao professor”. Os autores ainda destacam a importância do olhar e da escuta atenta, visto que a "escola é um

---

<sup>7</sup> Nome fictício.

<sup>8</sup> Nome fictício.

<sup>9</sup>Essa experiência foi motivo da escrita de um artigo por Marcelo Ribeiro, um dos autores deste texto, junto da professora-preceptora Ana Carolina Araújo. (2023, no prelo).



local de interações sociais intensas e variadas e é neste espaço que os alunos desenvolvem suas potencialidades”(p. 10-13).

#### 4. Considerações Finais

Por meio do compartilhamento de algumas situações vivenciadas na escola Padre Francisco Silva, desejamos destacar a relevância da troca de experiências proporcionada pelo subprojeto Arte, sempre pautada pelo acolhimento, a partilha de dúvidas e frustrações e alimentada por sugestões de estratégias para o dia a dia escolar. Este trabalho coletivo foi essencial para o desenvolvimento deste texto e reitera como o Programa de Residência Pedagógica tem sido engrandecedor na formação de seus licenciandos participantes.

Ao longo deste trabalho, pudemos refletir sobre as possibilidades de caminhos a seguir em sala de aula, buscando construir, nas proposições e atividades de Arte, um sentimento de união e gentileza entre as crianças e que possa levá-las a construção de uma sociedade mais justa. Não acreditamos que sejam respostas prontas e nem completamente conclusivas, mas temos certeza de que utilizar as motivações e potencialidades das próprias crianças para trilhar essa rota é fundamental, e que estimular o trabalho coletivo trará frutos positivos tanto para as crianças, como para nós, residentes e futuros docentes.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental I; Afetividade; Violência; Coletividade; Arte.

#### 5. Referências Bibliográficas

hooks, bell. Educação democrática. In\_CASSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019. p. 200-207.

TASSONI, Elvira Cristina Matos; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A relação afeto, cognição e práticas pedagógicas. Anais eletrônicos. **ANPED, 33a reunião**, GT20, Caxambu, MG, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

